

Aula 4

A ANÁLISE TEXTUAL E A CRÍTICA FORMALISTA

META

Reconhecer os pressupostos da crítica formalista na análise textual.

OBJETIVOS

Ao final desta aula, o aluno deverá:
aperfeiçoar a capacidade de interpretação do texto poético;
utilizar melhor os mecanismos da crítica formalista.

PRÉ-REQUISITOS

Leitura da aula de Crítica Literária na qual foi apresentada os fundamentos da crítica formalista.

INTRODUÇÃO

Caros alunos (as), a esta altura do nosso diálogo, torna-se visível a tentativa de nos aproximarmos cada vez mais do texto literário com a releitura e consequente aplicação de alguns conceitos vistos em outras unidades, mais particularmente na disciplina Crítica Literária. Essa predisposição tem como base a perspectiva de tornar cada um de vocês um leitor melhor, aberto à oferta textual da literatura brasileira, curioso quanto às possibilidades de interpretação de textos embutidos nos gêneros literários.

Um dos instantes de aproximação do texto, visando encontrar nele os mecanismos que o configuram como objeto estético, teve a contribuição da crítica formalista. Vocês lembram que o principal norteamento dessa corrente crítica voltou-se principalmente para a observação de aspectos estruturais, imanentes, específicos que configuram o texto literário. Nessa perspectiva, ele é visto como um objeto que tem um fim em si mesmo, destituído de possibilidades que o levem a um plano transcendente, místico, espiritual. O direcionamento de tal análise sustentou-se em quatro conceitos básicos: “literariedade”, “procedimento”, “singularização” e “estranhamento”.

É evidente que a tendência de olhar o texto como uma construção isenta de quaisquer influências externas tem recebido as aparas necessárias em nossos dias, no sentido de que é preciso buscar uma harmonia entre essas duas vertentes. Por exemplo: é notório o trabalho estilístico de um escritor como Graciliano Ramos. No entanto, não se pode descartar a utilização de outras leituras, sociológicas, políticas, econômicas, psicológicas como suporte para se analisar a construção dos romances escritos por ele: Caetés, Angústia, Vidas secas e São Bernardo.

UMA LEITURA

Uma possibilidade para se observar a confluência dessas duas possibilidades, ou seja, ora a presença mais forte da literariedade devido à forma singular do texto, ora a abertura para leituras externas, está na obra do poeta **João Cabral de Melo Neto**. Ao longo de sua produção literária vê-se a presença de um rigor formal, o qual procura dar conta, em diversas situações, tanto das paisagens agreste e urbana quanto do homem que nela circula. Tomemos, como exemplo, este poema:

Ver glossário no
final da Aula

O engenheiro

A Antônio B. Baltar

A luz, o sol, o ar livre
envolvem o sonho do engenheiro.
O engenheiro sonha coisas claras:
superfícies, tênis, um copo de água.

O lápis, o esquadro, o papel;
o desenho, o projeto, o número:
o engenheiro pensa o mundo justo,
mundo que nenhum véu encobre.

(Em certas tardes nós subíamos
ao edifício. A cidade diária,
como um jornal que todos liam,
ganhava um pulmão de cimento e vidro.)

A água, o vento, a claridade,
de um lado o rio, no alto as nuvens,
situavam na natureza o edifício
crescendo de suas forças simples (CABRAL, 1995, pp. 69-70).

O texto apresenta certos índices que tendem a caracterizar a poética de João Cabral como um “poeta-engenheiro da perfeição geométrica”. Ao priorizarmos unicamente os sentidos gerados pela organização das palavras, percebemos que o poeta pretende alcançar o sonho do engenheiro no tocante à objetividade é à clareza que permeiam sua atividade. Para isso, a lógica do poema também se apóia na precisão geométrica, a qual se estrutura na prioridade da utilização do substantivo, contenção na adjetivação, liberdade rítmica e rimática. Se quisermos abrir para uma leitura que ultrapasse o limite do texto, nada mais apropriado que o verso “O engenheiro pensa o mundo justo, / mundo que nenhum véu encobre”. Nesse caso o adjetivo “justo” e o substantivo “véu” remetem-nos à possibilidade de enxergar neles o desejo de um mundo ordenado não apenas do ponto visto espacial, mas também social.

Esse voltar-se para o próprio texto, ou seja, buscar na linguagem uma explicação para si mesma também recebe o nome de metalinguagem. Esta não existe apenas na literatura. Ela pode se manifestar na música: “certas canções que ouço / fazem tão bem a mim / que perguntar carece / como não fui eu que fiz” (Milton Nascimento / Fernando Brant; no cinema: A rosa púrpura do Cairo, (filme de Steven Spielberg); no teatro: Seis personagens à procura de um autor, (peça do italiano Luigi Pirandello). No exemplo abaixo, nota-se que é a própria poesia o mote para a construção do poema:

A lição de poesia

Toda a manhã consumida
como um sol imóvel
diante da folha em branco:
princípio do mundo, lua nova.

Já não podias desenhar
sequer uma linha;
um nome, sequer uma flor
dasabrochava no verão da mesa:

nem no meio-dia iluminado,
cada dia comprado,
do papel, que pode aceitar,
contudo, qualquer mundo.

A noite inteira o poeta
em sua mesa, tentando
salvar da morte os monstros
germinados em seu tinteiro.

Monstros, bichos, fantasmas
de palavras, circulando,
urinando sobre o papel,
sujando-o com seu carvão.

Carvão de lápis, carvão
da idéia fixa, carvão
da emoção extinta, carvão
consumido nos sonhos.

A luta branca sobre o papel
que o poeta evita,
luta branca onde corre o sangue
de suas veias de água salgada.

A física do susto percebida
entre os gestos diários;
susto das coisas jamais pousadas
porém imóveis – naturezas vivas.

E as vinte palavras recolhidas
nas águas salgadas do poeta
e de que se servirá o poeta
em sua máquina útil.

Vinte palavras sempre as mesmas
de que conhece o funcionamento,
a evaporação, a densidade
menor que a do ar (NETO, 1995, pp. 78-9).

Nota-se que há um esforço concentrado que vai na contramão da espontaneidade romântica. Há uma espécie de “antilirismo” que, por sua vez, origina um novo lirismo destituído das amarras da subjetividade. Como especificidade construtiva percebe-se a liberdade na metrifcação (contagem das sílabas poéticas) e a presença de um utensílio recorrente na poética de **João Cabral**, a rima toante, com a qual privilegia-se a vogal entre as palavras: “consuml^a” / “br^Anco”; im^Ovel” / n^Ova”.

Ver glossário no
final da Aula

A presença dessa forma de expressão, em que a literatura torna-se objeto de si mesma, é recorrente entre os poetas. Em seu primeiro livro, *Alguma poesia*, publicado em 1930, Carlos Drummond de Andrade (1974, p. 17) apresenta um exemplo dessa inclinação:

Poesia

Gastei uma hora pensando um verso
que a pena não quer escrever.
No entanto ele está cá dentro
inquieta, vivo.
Ele está cá dentro
e não quer sair.
Mas a poesia deste momento
Inunda minha vida inteira.

Não se deve pensar que tal tendência revelaria “falta de assunto”, mas sim a possibilidade de exploração do próprio discurso para encontrar, nas palavras, novos modos de comunicação. Não é outra coisa que faz Manoel de Barros (1987, p. 57), cuja presença na atual poesia brasileira é sinônimo de uma poética singular, inventiva, renovadora:

I

Não tenho bens de acontecimentos.
O que sei fazer desconto nas palavras.
Entesouro frases. Por exemplo:
– Imagens são palavras que nos faltaram.
– Poesia é a ocupação da Imagem pelo Ser.
Ai frases de pensar!
Pensar é uma pedreira. Estou sendo.
Me acho em petição de lata (frase encontrada no lixo).

Concluindo: há pessoas que se compõem de atos, ruídos,
retratos.

Outras de palavras.

Poetas e tontos se compõem com palavras.

Estes poucos exemplos tiveram como objetivo mostrar que a metalinguagem pode ser é uma tentativa de diálogo, e não de isolamento, entre o criador e seus leitores. Esse voltar-se “para o próprio umbigo” soa como uma tentativa não só de mostrar os meios funcionais da poesia, mas também o desejo do autor em refletir sobre sua condição como manipulador das palavras. Nesse caso, é possível detectar, no próprio discurso, os elementos que permitiriam ao crítico exercitar seu olhar sobre a obra em sua organização e expressividade:

O discurso do crítico especializado em narrativa de ficção ou em poesia resulta da investigação minuciosa nas dobras metalingüísticas, nos interstícios da forma de expressão e da forma do conteúdo, bem como do conteúdo, ou da substância que nele se contém (...) (Moisés, 2004, p. 290).



Agora, leiam este poema de João Cabral (1982, pp. 80-1) e, à luz do que foi visto até aqui, procurem observar se os elementos formais revelam apenas requintes de elaboração ou se abrem para outras formas de leituras.

Graciliano Ramos

Falo somente o que falo:
com as mesmas vinte palavras
girando ao redor do sol
que as limpa do que não faça:

de toda uma crosta viscosa,
resto de janta abaianada,
que fica na lâmina e cega
seu gosto de cicatriza clara.

Falo somente do que falo:
do seco e de suas paisagens,
Nordestes, debaixo de um sol
ali do mais quente vinagre:

que reduz tudo ao espinhaço,
cresta o simplesmente folhagem,
folha prolixa, folharada,
onde possa esconder-se a fraude.

Falo somente por quem falo:
por quem existe nesses climas
condicionados pelo sol,
pelo gavião e outras rapinas:

e onde estão os solos inertes
de tantas condições caatinga
em que só sabe cultivar
o que é sinônimo da míngua.

Falo somente para quem falo:
quem padece sono de morto
e precisa um despertador
acre, como o sol sobre o olho:

que é quando o sol é estridente,
a contrapelo, imperioso,
e bate nas pálpebras como
e bate numa porta a socos (NETO, 1995, pp. 311-12).

COMENTÁRIO SOBRE AS ATIVIDADES

A metalinguagem está presente no texto quando se observa que o poeta faz referência à economia verbal com que elabora sua poética. Além disso, a homenagem a Graciliano Ramos não é à toa. Trata-se de uma deferência em que se nota a confluência estilística entre os dois autores, na qual sobressaem-se a concisão, a objetividade e o rigor formal. O poema, além de adequar-se à paisagem à que se refere, por sua secura expressiva, também se apresenta como porta-voz dos que nela transitam, marcados não só pela adversidade do meio, mas também como vítimas das ações políticas e econômicas.

CONCLUSÃO

Notamos que a crítica formalista é um instrumento que pode contribuir para a aproximação do texto literário e dele extrair seus elementos constitutivos. Embora criada no século passado, sob outras condições históricas, ela ainda mantém atualidade diante de textos que, além de suas particularidades, procuram tornar o próprio discurso objeto de análise.

Os desafios para os críticos do presente é tentar extrair os conceitos embutidos nesse tipo de crítica, mas, sem perder de vista as transformações e a “flutuação atual dos gêneros literários” (ARRIGUCI, 1979, p. 28). Nesse sentido, há uma circulação de textos literários, mormente no espaço da poesia, que são um desafio prazeroso para uma leitura que harmonize o texto com as condições externas que condicionam sua existência.



RESUMO

A metalinguagem é uma forma de manifestação que pode trazer para o leitor uma forma de se posicionar perante o fato literário a partir da perspectiva de análise do próprio discurso que o configura. Nesse sentido, essa prática pode render encontros bastante fecundos no sentido do aprimoramento da leitura crítica. Amparado nos conceitos da crítica formalista, poetas como João Cabral de Melo, Carlos Drummond de Andrade e Manoel de Barros convocam o leitor para a participação efetiva/afetiva em busca de novos sentidos nas dobras de sua poética, que está centrada na valoração da forma e na inventividade expressiva.



PRÓXIMA AULA

Teremos como tema a relação entre o texto e a crítica fenomenológica.

REFERÊNCIAS

- ARRIGUCI JR. Davi. **Achados e perdidos**: ensaios de crítica. São Paulo: Polis, 1979.
- ANDRADE, Carlos Drummond de. **REUNIÃO**: dez livros de poesia. Rio de Janeiro: José Olympio, 1974.
- BARROS, Manoel de. **O guardador de águas**. 2.ed. Rio de Janeiro: Record, 1998.

BOSI, Alfredo. **História concisa da literatura brasileira**. 42. ed. São Paulo: Cultrix. 1994.

MOISÉS, Massaud. **Dicionário de termos literários**. São Paulo: Cultrix, 2004.

NETO, João Cabral de Melo. **Obra completa**. Rio de Janeiro: Novz Agui-lar, 1995.

GLÓSSARIO

João Cabral de Melo Neto: Recife, 1920 – Rio de Janeiro, 1998. Diplomata, membro da Academia Brasileira de Letras. É um dos poetas mais significativos do Brasil em todos os tempos cuja obra caracteriza-se por uma busca incessante para se alcançar a clareza, a luminosidade, o anti-emocional. Principais obras: Pedra do sono, O engenheiro, Morte e vida Severina, O cão sem plumas, A educação pela pedra, A escola das facas, entre outras.

João Cabral: Prática rimática que não visa a harmonia quase total entre as palavras: “Caracteriza-se pela repetição da vogal tônica, ou por vezes também da vogal átona, excluídas as consoantes no final do verso (MOISÉS, 2004, p. 387).